

LIMA BARRETO, UM INTELECTUAL-NEGRO NA “AVENIDA CENTRAL”

Autora: CELI SILVA GOMES DE FREITAS celisilva@hotmail.com

Filiação Institucional: UERJ

Suas crônicas espelham esse desafio: ser negro, intelectual e ao mesmo tempo um homem de opinião. *Valéria Lamego*¹

O presente trabalho é parte de nossa dissertação de Mestrado, “Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto”, defendida e aprovada em 8/5/2003, sob orientação da Prof(a) Dr(a) Lená Medeiros de Menezes, no Programa de Pós-Graduação em História-IFCH/UERJ. Nosso objeto de estudo é a trajetória de deslocamentos de Afonso Henriques de Lima Barreto como ator do político, nas posições de intelectual e de negro. Na perspectiva teórico-metodológica, a comunicação situa-se no campo multidisciplinar que interliga a História Política – com incursões no campo biográfico – e a Análise do Discurso. Privilegiamos no *corpus* os artigos e as crônicas de Lima Barreto, publicados nos periódicos cariocas entre 1902 e 1922, acrescidos da correspondência ativa e passiva.

O contexto da República Velha configurou-se em principal fonte para os temas sobre os quais Lima Barreto refletiu, buscando defender uma cultura política “volta(da) para a diferença” que fosse “basicamente sensível às desigualdades na apropriação de materiais ou práticas comuns” (CHARTIER;1992:16), e que estivesse referenciada em um espaço urbano mais amplo no qual a sub-urbe estava incluída:

Houve grande contentamento nos arraiais dos estetas urbanos por tal fato. Vai-se o monstrengo, diziam eles; e ali, naquele canto, tão cheio de bonitos prédios, vão erguer um grande edifício, moderno, para hotel, com dez andares.(...)

É que eles estavam convencidos da sua fealdade, da necessidade do seu desaparecimento, para que o Rio se aproximasse mais de Buenos Aires.

A capital da Argentina não nos deixa dormir. Há conventos de fachada lisa e monótona nas suas avenidas? Não. Então esse casarão deve ir abaixo.

O Passos quis; o Frontin também; mas, a desapropriação custaria muito e recuaram.(...)

Não é que eu tenha grande admiração pelo velho casarão; mas, é que também não tenho grande admiração nem pelo estilo, nem pela gente, nem pelos preceitos americanos dos Estados Unidos (...)

Esse furor demolidor vem dos forasteiros, dos adventícios, que querem um Rio-Paris barato ou mesmo Buenos Aires de tostão. (BARRETO;1911)

Com a mesma ironia aguda característica de seu estilo, Lima Barreto contrapôs à expressão “*Belle Époque Tropical*”, consagrada para representar o modelo vencedor de modernidade importada, duas outras, “Rio-Paris barato” e “Buenos Aires de tostão”. Destacamos como efeito de sentido de maior interesse a inversão de

¹ Valéria Lamego. “Lima Barreto: Críticas duras e pseudônimos”, *Jornal do Brasil*, B. Rio de Janeiro, domingo, 2-7-2000.

perspectiva, que transformou o que antes era positivo em expressões de conotação negativa pelo uso de “barato” e “de tostão” para qualificar a nossa modernidade republicana de inspiração “adventícia” e “forasteira”.

A “Avenida Central” nomeia uma representação que tem como marco histórico o “bota-abixo” do prefeito Pereira Passos, resultando em um “verdadeiro período Haussmann à la carioca” (ABREU;1988:67). Lima Barreto enxergou a superposição de novas e velhas contradições no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, percebendo o mal-estar que a chegada da modernidade republicana acarretava para alguns, mas, ao mesmo tempo, não descuidou de se referir ao outro mal-estar que o passado escravocrata obrigava a lembrar:

(...) ainda são as coisas da fazenda, com senzalas, sinhás moças e mucamas, que regulam as idéias da nossa diplomacia: ainda é, portanto, o passado, daqui, dali, dacolá, que governa (...) É por isso que eu não gosto do passado (...) Quando, entretanto, eu me faço cidadão da minha cidade não posso deixar de querer de pé os atestados de sua vida anterior, as igrejas feias e os seus conventos hediondos. (BARRETO;1911)

A defesa da preservação da história da cidade sobrepôs-se ao debate acerca da complexidade das relações entre o antigo e o moderno, o feio e o bonito. Sem desejar cair em anacronismos, ousamos dizer que Lima Barreto fez a apologia dos “lugares de memória” da cidade e, ao mesmo tempo, combateu a longa duração da desigualdade social, a privação dos direitos decorrente da pesada herança colonial da escravidão contra os negros africanos e seus descendentes.

Na caracterização da “Avenida Central”, um fragmento do prefácio do primeiro tomo da “Correspondência” pode ser tomado como exemplo significativo:

Aqui nascido, raras vezes se afastou Lima Barreto do Rio, e o mesmo se deu com seus amigos, camaradas, ou colegas (...) Aqui vivíamos enjaulados num sempiterno quadrilátero: avenida, Ouvidor, Uruguaiana, São José, de dia. Ao cair da tarde, o Largo de São Francisco, as petisqueiras. À noite, a Lapa..(SANTOS;1961:9)

Os limites da Cidade Velha, região por onde a boemia intelectual circulava, estão aí postos. Na passagem, o grande amigo Antônio Noronha Santos referiu-se ao fato de que Lima Barreto e seus amigos viveram quase todo o tempo na cidade do Rio de Janeiro, dela afastando-se muito pouco e, por conseguinte, mantendo uma relação de profunda intimidade. Embora reduzida, Noronha Santos avaliava que:

A correspondência de Lima Barreto, com todos os seus hiatos, é um bom roteiro, desde as suas primeiras cartas ao pai, ainda criança [quando o escritor estudava em um internato]. Primeiras camaradagens, primeiros tropeços, o drama da loucura paterna, o sonho logrado de ser doutor [a frustração de não ter conseguido cursar a Escola Politécnica, apesar de muito tentar], a aceitação da realidade [ou o emprego de amanuense na] (Secretaria de Guerra). (SANTOS;1961:13-14)

Um exemplo que denota o significado das cartas como lugar de definição da posição de Lima Barreto enquanto “intelectual dessacralizado” nos círculos de sociabilidade e, sobretudo, como suporte para a discussão do pensamento político nas primeiras décadas do século passado, é o da correspondência entre Manuel de Oliveira Lima e Lima Barreto. Tendo como ponto de partida um primeiro artigo de Oliveira Lima a propósito do romance “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, e publicado no “Estado de São Paulo”, em 13 de novembro de 1916, a troca epistolar realizou-se entre o final de 1916 e o ano de 1920. Dela, selecionamos esta carta de 1919:

Lima Barreto a Oliveira Lima

[Minuta]

Todos os Santos (Rio de Janeiro), 29 de junho de 1919.

Meu caro Senhor doutor Oliveira Lima.

Muita saúde, em companhia de sua excelentíssima senhora.

Acabo de ler o seu artigo no A.B.C. Ele me suscitou dúvidas que, sem ter a pretensão de que o senhor mas esclareça, me julgo, contudo, obrigado a submetê-las ao seu esclarecido espírito. (...)

A minha tenção era perguntar-lhe, ao senhor, mais esclarecido e inteligente do que eu, mais culto e mais viajado do que eu, conhecendo bem a evolução das idéias e a sua transformação em sentimentos, a ditar atos quase automáticos – se eu, homem de cor, mulato, etc. etc., posso e devo concorrer de alguma forma para reforçar a influência ou o predomínio, no Brasil, dos Estados Unidos; e, também, se não é minha obrigação de modesto homem da pena combater de todas as maneiras essa influência? (...) (BARRETO;1919)

Na passagem, Lima Barreto fez uso intensivo, como estratégia discursiva, de expressões de polidez e de interrogações retóricas para mapear os diferentes lugares de poder naquele contexto. Na carta, o escritor não só afirmou sua posição claramente nacionalista como explicitou, polida mas ironicamente, um olhar sobre uma sociedade que apartava os dois lugares, o de intelectual e o de negro. Esse fragmento de texto é útil na constatação de algo que parece o óbvio: que o negro constituía um lugar à margem, em baixo, logo, da exclusão, e que o intelectual era um lugar do saber e, portanto, do poder de dominação. Nessa perspectiva, o que está pressuposto é, de um lado, a representação do intelectual do tipo tradicional (GRAMSCI;1982:13) e, de outro, a representação do negro sempre em posição subalterna. Foi nesse cenário que Lima Barreto circulou, deslocou-se enquanto intelectual-negro:

Tudo hoje é intelectual e o xadrez não podia fazer exceção à regra. O *football* também o é, apesar de ser jogado com os pés; o atirar de pistola e remar em canoas leves, também! (...)

O que não é intelectual são as manifestações de arte, de ciência e literatura. (...)

O Brasil, ao acreditar em semelhante pessoal, ficará célebre no mundo, desde que ganhe campeonatos internacionais dessas futilidades todas. (BARRETO;1922)

Na passagem, Lima Barreto anteviu a possibilidade, hoje tornada factual, da construção da imagem “positiva” do Brasil através do desempenho de seus atletas nos

esportes, especialmente no futebol, uma prática sobre a qual a crítica de Lima Barreto era sobre vários aspectos implacável. Por exemplo, ele escreveu diversos textos nos quais apontava o preconceito contra negros e pobres que vigorava no período da introdução deste esporte bretão no Brasil:

O *football* é eminentemente um fator de dissensão. Agora mesmo, ele acaba de dar provas disso com a organização das turmas de jogadores que vão à Argentina atirar bolas com os pés, de cá para lá, em disputa internacional. O *Correio da Manhã*, no seu primeiro *suelto* de 17 de setembro, aludiu ao caso. Ei-lo:

O Sacro Colégio do *Football* reuniu-se em sessão secreta, para decidir se podiam ser levados a Buenos Aires, campeões que tivessem, nas veias, algum bocado de sangue negro – homens de cor, enfim.

O conchavo não chegou a um acordo e consultou o papa, no caso, o eminente senhor presidente da República. (...)

Foi sua resolução de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano. (...)

Concordaram todos aqueles esforçados cavalheiros que trabalham “pedestramente” pela prosperidade intelectual e pela grandeza material do Brasil; A providência, conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase a metade, da população do Brasil; deve naturalmente causar desgosto, mágoa e revolta; mas – o que se há de fazer? O papel do *football* repito, é causar dissensões no seio de nossa vida nacional. É a sua alta função social.

O que me admira, é que os impostos, de cujo produto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus tesoureiros infíéis, não tragam também a tisona, o estigma de origem, pois uma grande parte deles é paga pela gente de cor. Os futeboleiros não deviam aceitar dinheiro que tivesse tão malsinada origem. (...)

P.S. – A nossa vingança é que os argentinos não distinguem, em nós, as cores; todos nós, para eles, somos *macaquitos*. A fim de que tal não continue seria hábil arrendar por qualquer preço, alguns ingleses que nos representassem nos encontros internacionais de *football*.(BARRETO;1921)

Observamos, a partir de suas palavras, que as elites intelectuais e políticas ocupavam-se igualmente das questões esportivas, na medida em que as mesmas adquiriam um significado político e, desse modo, participavam do processo de construção de uma certa identidade brasileira que excluía a população negra. A subjetividade manifesta no pós-escrito (P.S.) explicita sua inclusão no grande grupo da população negra brasileira que estava impedido de participar da equipe que representaria o Brasil em competições internacionais. Na ironia fortemente presente ao longo da citação, podemos observar a crítica severa às posturas elitistas dos poderosos, desde o presidente da República – no caso, Epitácio Pessoa – até os dirigentes “futeboleiros”.

A produção da violência pelo futebol foi tratada em diversos artigos, sempre na forma discursiva irônica e tendo como ponto de partida as notícias publicadas nos jornais sobre “rolos”, “barulhos”, “ataques” e outras confusões motivadas pelos jogos de futebol que aconteciam aos domingos. Lima Barreto não reconhecia no futebol uma modalidade esportiva inscrita no campo que podemos denominar “lazer

civilizado” e, na crítica à modernidade importada, ressaltou que a mesma continha um pacote de “malefícios” como o futebol, um “esporte que dizem ser bretão” mas que promovia cenas de violência explícita protagonizadas por “desordeiros que se querem intitular *sportmen*”. Pela comparação entre o “esporte bretão” e um divertimento popular como as “brigas de galos”, Lima Barreto denunciou o tratamento diferenciado que as “autoridades policiais” dispensavam a um e a outro, ou seja, no Rio de Janeiro “civilizado”, a violência dos “tais *foot-ballers*” era tolerada “e a polícia passa[va]-lhes a mão pela cabeça”.

No discurso de Lima Barreto com referência ao espaço-tempo da “Avenida Central”, a crítica aos privilégios que os “futebolistas” auferiam só foi suplantada pela crítica às vantagens que os “doutores” usufruíam apenas com a apresentação de seus diplomas como credenciais. Como formação discursiva, a imagem do “diploma abre-te Sésamo” concorreu para a construção das oposições sociais que distinguiram a “Avenida Central” como representação do espaço de “densa concentração de propriedades positivas” (BOURDIEU;1997:161). Na perspectiva do combate ao projeto de modernidade instalado na República, o discurso de Lima Barreto buscou tornar perceptível que “o poder se afirma[va] e se exerc[ia] (...) sob a forma mais sutil, a da violência simbólica” (BOURDIEU;1997:163). Os efeitos do poder simbólico eram quase sempre invisíveis e, portanto, precisavam ser desocultados; um desses efeitos era a crescente reserva e destinação dos “bons lugares da administração” para os “anelados”, sendo estes, por seu turno, exclusivamente os “bem nascidos ou pela fortuna ou pela posição dos pais”. Segundo Lima Barreto, até mesmo no “execrável *football*”, os “anelados” recebiam vantagens:

(...) porque os pais, tios, tutores, vendo o futuro dos filhos, sobrinhos e pupilos, só garantido com o “canudo de lata”, hão de empregar todos os recursos, processos e manhas, para obter a aprovação dos seus candidatos e vê-los afinal munidos com o diploma – “abre-te, Sésamo !” (...)

Até no execrável *football* os doutores são as primeiras figuras entre os jogadores honorários.

À proporção que os “anelados” ganham importância, iníquos privilégios, o ensino desanda e piora a olhos vistos, como está na consciência de todos.

Costumo admitir que os nossos nobres doutorais venham a chegar, como os seus semelhantes feudais, a jactar-se de não saberem ler nem escrever, na sua qualidade de gentis-homens acadêmicos. (BARRETO;1921)

A avaliação desfavorável do “ensino [que] desanda[va] e piora[va] a olhos vistos” reforçou a crítica aos “iníquos privilégios” dos “nobres doutorais”, os quais muniam-se do “canudo de lata” como se este fosse um título de nobreza e, em breve, não precisariam sequer saber ler e escrever, “como os seus semelhantes feudais” e “na

qualidade de gentis-homens acadêmicos”. Segundo o texto de Lima Barreto, e como a sua própria trajetória demonstrou, os lugares de prestígio estavam previamente marcados e, portanto, interditados aos do povo.

Na crítica aos “doutores”, um dos ingredientes foi a inevitável referência à Escola Politécnica, a instituição de formação de engenheiros situada no Largo de São Francisco. O significado da passagem fracassada de Lima Barreto pela Escola Politécnica pode ser lido de dois modos distintos. Uma leitura mais superficial tem sido a de que a frustração de Lima Barreto por não ter conseguido se diplomar engenheiro explicaria sua amargura, expressa em inúmeros escritos, diante dos “doutores” e de seus privilégios. No entanto, a situação de Lima Barreto poderia ser interpretada de modo mais aprofundado, como um caso emblemático de “violência simbólica” que negros e pobres sofriam e ainda sofrem quando buscavam e buscam romper a hierarquia dos lugares marcados na sociedade:

No Brasil, o doutor (e olhem que eu escapei de ser doutor), é um flagelo, porque se transformou em nobreza (...)
O doutor, se é ignorante, o é; mas sabe; o doutor, se é preto, o é, mas... é branco.
(BARRETO;1918)

Nos relatos do próprio Lima Barreto, há diversas passagens como essa, nas quais ele afirmou, de modo irônico, ter “escapado de ser doutor”. Tendo em vista a imagem consagrada do “doutor” como aquele que “sabe” e “é branco”, podemos colher exemplos de comentários a propósito das tensões vividas por Lima Barreto como estudante negro e pobre, desde 1897, quando foi aprovado nos exames e ingressou na Escola Politécnica, até 1903, quando desistiu de tornar-se doutor, após seguidas reprovações em disciplinas do curso e, também, após a doença do pai e, ainda, após passar a residir no subúrbio de Todos os Santos com a família.

A trajetória de Lima Barreto demonstrou que, pelo caminho da educação formal, a porta para o “título” e o reconhecimento estava fechada para negros e pobres. Assim, a saída pela via da produção escrita, como “literato”, era a opção que restava como possibilidade de ascensão social, desde que não passasse pela porta, igualmente emoldurada pela formalidade, da Academia Brasileira de Letras. Da correspondência com Monteiro Lobato, recolhemos uma análise reveladoras do complexo jogo entre saber e poder no ambiente intelectual dos anos dez e vinte do século passado:

Lima Barreto a Monteiro Lobato [Sem data]
Meu caro Lobato.

Mando-te o artigo do João Ribeiro sobre o nosso livro [Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá]. Ele alude à minha candidatura à academia. Nunca fui sinceramente candidato. A primeira vez que o fui, não sinceramente – é bem de ver – foi quando o Hélio [Lobo] se apresentou. Só para lhe fazer mal, porque eu o atrapalhava e me vingava das desfeitas que me fizera, tendo me tratado antes a modos de pessoa poderosa. A carta que enviei, embora registrada, desapareceu e Hélio, apesar do Gustavo Barroso, foi eleito maciamente. Sei bem que não dou para a academia e a reputação da minha vida urbana não se coaduna com a sua respeitabilidade. De *motu proprio*, até, eu deixei de freqüentar casas de mais ou menos cerimônia – como é que podia pretender a academia? Decerto, não. (...)

Monteiro Lobato a Lima Barreto 25-4-1919

Lima

Recebi a tua última. Não podes entrar para a academia por causa da “desordem da tua vida urbana”; no entanto, ela admite a frescura dum J. do R. [João do Rio]. Os imortais, a contar de Júpiter, sempre viram com indulgência os Ganimedes... Enfim, são brancos, digo, imortais, lá se entendem. Eu acho a academia uma bela coisa, depois que o [Rodrigues] Alves a enriqueceu. É positivamente um negócio imortalizar-se vitaliciamente. Porque duma maneira ou doutra, a renda do legado há de reverter em benefício dos frades da ordem. Talvez isso explique o recrudescimento do avança que se nota agora a cada vaga. (...) (BARRETO;1919)

O incidente do desaparecimento da carta endereçada em 21 de agosto de 1917 ao então presidente da Academia, Rui Barbosa, marcou a primeira tentativa de Lima Barreto, concorrendo à vaga de Sousa Bandeira. Posteriormente, outras duas investidas seriam igualmente frustradas, a primeira delas para a vaga de Emílio de Menezes, em uma eleição bastante disputada nas sessões de 24 de fevereiro e 20 de outubro de 1919. Ironicamente, na última tentativa, Lima Barreto candidatou-se à vaga de Paulo Barreto, o João do Rio, um dos alvos mais freqüentes de críticas nos artigos e na correspondência, como podemos observar na citação anterior. Para quem buscava uma posição valorizada positivamente na “cidade das letras”, nem a Escola Politécnica nem tampouco a Academia Brasileira de Letras... Restou como única porta entreaberta os “quotidianos”, através dos quais Lima Barreto conseguiu expor-se e expor sua obra com maior freqüência. No entanto, precisamos assinalar que nem todos os jornais e revistas acolheram os escritos, as idéias e a figura de Lima Barreto.

Ainda na condição de aluno da Escola Politécnica, Lima Barreto colaborou nos periódicos estudantis “A Lanterna” e “Quinzena Alegre”, este com Bastos Tigre. Os periódicos “Tagarela”, “O Diabo”, “Revista da Época”, “O Riso”, “Hoje”, além de “Revista Souza Cruz”, “O Mundo Literário”, “Fon-Fon”, “Gazeta da Tarde”, “Correio da Noite”, “Caretá”, “A.B.C.”, “Brás Cubas”, todos esses periódicos cariocas publicaram originalmente não apenas os artigos e crônicas como também os romances de Lima Barreto, estes sob a forma de folhetins:

Lima Barreto a Monteiro Lobato Rio, 4-1-1919.
Meu caro Lobato.

Recebi as primeiras provas impressas [de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*]. Fi-las ler por um amigo, aquele a quem o livro é dedicado [Antônio de Noronha Santos]. (...) Muito obrigado pelas referências aos meus broquéis; e, embora o João do Rio se diga literato, eu me honro muito com o título e dediquei toda a minha vida para merecê-lo.

Por falar em semelhante paquiderme... Eu tenho notícias de que ele não se tem na conta de homem de letras, senão para arranjar propinas com os ministros e presidentes de estado ou senão para receber sorrisos das moças brancas botafoganas daqui – muitas das quais, como ele, escondem a mãe e o pai. É por causa dessa covardia idiota que “essa coisa” não acaba...

Digo as daqui, porque são as que eu conheço, na montra da Rua do Ouvidor, e nos cochichos dos cafés, chopes e confeitarias.

Lendo unicamente jornais, como a gente inteligente do Rio, elas só conhecem a literatura do seu tempo por aquilo que, como tal, neles é publicado: João do Rio, etc., etc. (BARRETO;1919)

Embora, na passagem, Lima Barreto tenha feito críticas à superficialidade dos leitores e leitoras dos jornais, foi nas “folhas volantes” que ele conseguiu publicar uma vasta obra entre 1902 e 1922, sem que, no entanto, ficasse livre das tensões, inevitáveis para um “intelectual-negro” no espaço da “Avenida Central”. Na seqüência, apareceu novamente a referência agressiva a João do Rio; em diversas ocasiões, as relações pouco amistosas com Paulo Barreto, o João do Rio, foram compartilhadas com outros interlocutores, dos quais destacamos Noronha Santos e Monteiro Lobato. Na citação, a contundência da agressividade do discurso barretiano dialogava com o discurso igualmente agressivo de Monteiro Lobato em carta anterior, datada de 28 de dezembro de 1918, na qual, ao comentar a boa acolhida de seu mais recente “livro de contos”, *Urupês*, ele escrevera: “Cá entre nós: não sou literato, nem quero ser, porque João do Rio o é”.

Observamos que, ao contrário de Monteiro Lobato, Lima Barreto se orgulhava de ser “literato”, mesmo compartilhando essa atividade com “semelhante paquiderme”, conforme João do Rio foi nomeado. Por outro lado, Lima Barreto se opunha à atitude de João do Rio de “esconder mãe e pai” para negar suas origens negras, tal como faziam as “moças brancas botafoganas”. Na passagem, a permanência do racismo, “essa coisa” que “não acaba[va]...” foi atribuída à atitude de “covardia idiota” de apagamento das “negras imagens” através dos “títulos” e da “posição”. Como pano de fundo para o debate acerca do contexto da produção literária nas primeiras décadas do século XX, Lima Barreto destacou que a posição social do autor de uma determinada obra era um critério importante, que atravessava a discussão das relações entre a produção e a recepção das obras literárias. Lima Barreto rebateu a modesta acolhida de seus livros com a crítica à inteligência e às escolhas dos leitores e leitoras do Rio, que preferiam as leituras “fáceis” dos jornais

“do seu tempo”. Na correspondência intensamente trocada com Monteiro Lobato nos quatro últimos anos de vida, entre 1918 e 1922, encontramos uma observação que, de certo modo, antecipava o que vem sendo a recepção dos escritos de Lima Barreto:

Monteiro Lobato a Lima Barreto São Paulo, 28-12-1918.

Meu caro Lima Barreto,

Recebi as últimas provas [de Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá], e acabo de rever eu mesmo os primeiros capítulos do teu livro. Que obra preciosa estás a fazer! Mais tarde será nos teus livros e nalguns de Machado de Assis, mas sobretudo nos teus, que os pósteros poderão “sentir” o Rio atual com todas as suas mazelas de salão por cima e Sapucaia por baixo. Paisagens e almas, todas, está tudo ali. (...) (BARRETO;1919)

A opinião autorizada de Monteiro Lobato destacou a produção escrita de Lima Barreto para ressaltar seu significado como registro de um espaço-tempo, o Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. Na seqüência, a “Avenida Central” e a “Vila Quilombo”, ou a “urbe” e a “sub-urbe”, foram rerepresentadas por Monteiro Lobato através do contraste entre as duas imagens, “salão por cima e Sapucaia² por baixo” do “Rio [de Janeiro] atual [das décadas de 1910, 1920] com todas as suas mazelas”.

Em síntese, podemos dizer que três formações discursivas em disputa, no discurso barretiano, caracterizaram o espaço-tempo da “Avenida Central”. A primeira delas, chamada de “modernidade importada”, concretizou-se nas expressões “Rio-Paris barato” e “Buenos Aires de tostão”. A segunda formação discursiva considerou o “diploma abre-te Sésamo” e suas implicações em relação às discriminações várias, seja nas colocações e nas funções da administração, seja até mesmo na prática do futebol e dos esportes em geral. A terceira e última formação discursiva é a que distinguia a “Avenida Central” com os privilégios negados à “Vila Quilombo” e que, portanto, expunha na paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX as contradições na ordem republicana. Em nossa análise do discurso barretiano, ao caracterizar o espaço-tempo da “Avenida Central”, encontramos marcas que revelaram com nitidez a experiência singular de vivência da “dupla exterioridade” (TODOROV;1999;303). Lima Barreto, na posição de intelectual-negro, não apenas viveu como soube relatar sua trajetória de negro em um ambiente intelectual que se constituía branco.

² Uma das “ilhas do Fundão”. Ver: “Homem ou boi de canga?”. In: Lima Barreto. *Bagatelas*, p. 272. A ilha de Sapucaia funcionava como depósito de lixo.

BIBLIOGRAFIA

1- Contos, crônicas e correspondência de Afonso Henriques de Lima Barreto que estão estabelecidos nas *Obras de Lima Barreto* (vols. I a XVII)

“A Instrução Pública”. *Correio da Noite*, 11-3-1915. In: *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1958, p. 91.

“As Glórias do Brasil”. 7-1-1922. In: *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1961, pp. 271-272.

“As Reformas e os ‘Doutores’”. Jan/1921. In: *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1961, pp. 237 a 239

“Bendito Football”. 1-10-1921. In: *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1961, pp. 94 a 96.

“Homem ou boi de canga?”. In: *Bagatelas*, São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 272.

“João Ribeiro – 1917 [1919]”. In: *Correspondência – Tomo II*. São Paulo: Brasiliense, 1958, pp. 31-32.

“O Convento”. Jul/1911. In: *Bagatelas*., São Paulo: Brasiliense, 1961, pp. 83 a 86.

“Monteiro Lobato – 1918-1922”. In: *Correspondência – Tomo II*. São Paulo: Brasiliense, 1958, pp. 55,56,57,69,70.

“Oliveira Lima – 1917-1920”. In: *Correspondência – Tomo II*, São Paulo: Brasiliense, 1958, pp. 38-39.

“Prefácio de Antônio Noronha SANTOS”. In: *Correspondência – Tomo I*. São Paulo: Brasiliense, 1961 [9 a 14].

2. Outras obras

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO; J. Zahar, 1988.

BOURDIEU, Pierre. “Efeitos de lugar”. In: _____(coord.). *A Miséria do mundo*. [Trad. Mateus S. Soares Azevedo, Jaime ^a Clasen, Sérgio H. de Freitas Guimarães, Marcus Antunes Penchel, Guilherme J. de Freitas Teixeira, Jairo Veloso Vargas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 159-166.

DUNLOP, Charles J. *Os meios de transporte no Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Ministério dos Transportes, Serviço de Documentação, 1972.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. [Trad. Carlos Nelson Coutinho]. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. [Trad. Jefferson Luiz Camargo]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAMEGO, Valéria. “Críticas duras e pseudônimos”. Pobreza, loucura e alcoolismo. *Jornal do Brasil*, Caderno B, Rio de Janeiro, 2-7-2000.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. [Trad. Beatriz Perrone-Moisés]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.